



DAS RETICÊNCIAS E INCOMPLETUDES¹: SOBRE ESCRITAS E PERCURSOS ENTRE O QUE VEMOS E O QUE NOS OLHA²

Ederson Luís Silveira³

RESUMO: O presente texto busca trazer reflexões acerca da natureza da escrita. Escrever, assim como ir em busca do fechamento de ideias de um texto parece ser parte inerente de cada relato de pesquisa, de cada artigo científico, de cada resenha acadêmica distribuídos pelos muitos periódicos científicos que estão por aí. Tanto que uma das partes que compõem a maioria dos artigos é o resultado (ou a busca deles). Aqui procuramos assinalar a importância de perceber a escrita enquanto exterioridade constitutiva em relação ao sujeito que escreve e, tal como o sujeito, não pode ser vista fora dos terrenos de multiplicidades, contraditoriedades e deslocamentos identitários que (des)vela/mobiliza. E que seja percebido o caminho das perguntas além das respostas que, ingenuamente se apresentam como caminhos conclusivos àquilo que os pesquisadores propõem olhar. É um texto sobre os avessos da escrita e como tal não pode se desgarrar da imprevisibilidade de toda obra inconclusa, interminável, tecidas a partir e para diálogos com outros textos que virão depois.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita; texto; diferença; incompletudes; diálogos.

ABSTRACT: The present text seeks to bring reflections about the nature of writing. Writing, as well as go in search of closure of ideas of a text seems to be part of each research report inherent, each scientific article, every academic book review distributed by many scientific journals that are out there. So much so that one of the parties that make up the majority of the articles is the result (or the procuring of). Here try signalize importance of barnacle to written as constitutive exteriority in relation to the subject and writing as the subject, cannot be seen outside the multiplicities contradictions and identity shifts that (un) plug / mobilizes land. And that is perceived the way the questions as well as answers that naively presented as conclusive to what the researchers propose looking paths. It is a text about writing averse and as such cannot straying from the unpredictability of all unfinished, endless work, woven from and dialogue with other texts that come after.

KEYWORDS: writing; text; difference; incompleteness; dialogues.

¹Optei por escrever este artigo em tom mais informal ao que geralmente se espera de textos acadêmicos devido ao fato de o gênero ensaio permitir esta escolha e para que os leitores encontrem no estilo de escrita também resquícios das problematizações aqui propostas. Esta escolha também se estabelece no sentido de evocar a familiaridade propiciada pelo tom de conversa, como em diálogo tecido entre vozes que almejam o encontro com o leitor, sem hierarquizar a partir da forma culta da língua em detrimento da fala não monitorada dos ambientes informais, para que o texto alcance um número mais expressivo de leitores, pois não se trata de um tratado sobre a escrita, mas da problematização dos vazios que ela pode fazer emergir.

²Título extraído de uma das obras de Georges Didi-Huberman (2010), intitulada “O que vemos, o que nos olha”.

³Mestrando em Linguística pela UFSC. E-mail: ediliteartus@gmail.com



Como se o ato de ver acabasse sempre pela experimentação tátil de um obstáculo erguido diante de nós, obstáculo talvez perfurado, feito de vazios. (...) Mas este texto admirável propõe um outro ensinamento: devemos fechar os olhos para ver quando o ato de *ver* nos remete, nos abre a um *vazio* que nos olha, nos concerne e, em certo sentido, nos constitui. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 31, grifo do autor)

Começar um texto não é tarefa das mais fáceis, falar sobre escrita, tampouco. As palavras parecem insuficientes, os “brancos” intermináveis que assolam aquele que escreve e as (in)pirações escasseiam de vez em quando. Este é um texto sobre a escrita ou sobre como a escrita, enquanto exterioridade, nos constitui. Para falar sobre este tema, terei que convidar alguns autores, dos quais bebi o sangue e comi a carne transubstanciada em seus escritos. Seja algum taciturno senhor de barbas acinzentadas com seu martelo sempre em riste, seja outro senhor com a careca exposta e tão maltratado por aqueles que muito pouco o leem e se põem a falar sobre suas obras irresponsavelmente através de *clichés*, ou por aqueles que o tentam engaiolar em temas, áreas, campos do saber e propõem a delimitação de sua obra em fases. Outros ainda serão mencionados além destes dois e através da tessitura de diálogos (aparentemente) desinteressados, espero cumprir minha função: semear perguntas (SILVEIRA, 2014).

Aos que não encontraram nas descrições acima apresentadas algum personagem com o qual pudessem identificar as características mencionadas, terei que dizer o nome, sob pena de que sejam cometidos equívocos, produzindo outros sentidos além daqueles que eu objectivei no início (e os equívocos apontarão talvez para experiências de encontro do leitor com outros autores além dos mencionados e isso não pode passar despercebido). Trata-se de Nietzsche (2013) e Foucault (1996). Mas que pertinente isso de querer não possibilitar equívocos no leitor, que arrogância esta de tentar dirigir o leitor rumo ao caminho que eu pretendo traçar aqui nestas linhas e fazê-lo “entender” sem confundir as coisas que eu digo com outras que podem emergir através daquilo que escrevo...

Se em Ricoeur (1994), é a narrativa que torna a experiência humana (e através dela que o tempo se torna humano) eis aqui um terreno justificado para as reflexões aqui propostas: tornar quem sabe as discussões mais humanas, mais palpáveis, mais ao rés do chão e talvez a partir disso provocar no leitor alguns questionamentos. Precisaria primeiramente explicar porque este receio inicial de começar o texto: eu não tenho plena consciência daquilo que escrevo, leitor. Teria que explicar isso mais adiante, mas parece que quanto mais explico, mais os sentidos derivam, se esquivam, esvaem pelas beiradas das classificações, tal líquido como água que se esvai entre os dedos daquele que tenta segurar. Não tenho domínio de tudo o que estou dizendo e ainda assim escrevo.

Será teimosia? Talvez. O fato é que tanto eu quanto você, caro leitor (machadianamente falando), não temos pleno domínio dos sentidos produzidos enquanto falamos, escrevemos, gesticulamos, pintamos, cantamos, rimos, silenciemos e tantos outros “amos”. A linguagem, aliás, é tudo menos servo (generalizações, aiai). Tampouco seremos nós, sob esta perspectiva de olhar, senhores de nossos dizeres. O senhor desprovido de fios capilares que antes mencionei trouxe contribuições muito interessantes. Sabe aquele pensamento de que história é uma sucessão de fatos que se desenrolam com o passar do



tempo, cronologicamente distribuída em manuais, livros didáticos e “certezas” sobre aquilo que aconteceu? Pois bem, Foucault disse que seríamos ingênuos se pensássemos assim. E disse que existem camadas por baixo da história oficial, que vão se sobrepondo às outras, que há enunciados possíveis em determinadas épocas e outros podem ter sido engessados e “varridos para debaixo do tapete”.

Cada palavra revela um pouco de cautela: podemos falarem possibilidades, reticências, intermináveis diálogos com textos outros e isso incomoda o ego. E eis que surge um psicanalista, seguidor de Freud, para vira o meu socorro: minha escrita vai sendo permeada por desejos insatisfeitos, insaciáveis de prosseguir. Seu nome era Lacan (2008). Ele descobriu uma coisa fantástica. Se continuamente desejamos diversas coisas, ou uma após a outra, com o passar do tempo e o que permanece é a sensação de algo falta (e que esta falta nos constitui) então não desejamos coisas (objeto a- inominável pela possibilidade de vir a ser outro), o nosso “real” desejo é nunca cessar de desejar. E aqui parece que as coisas vão se complexificando mais...

Situo meu desejo em relação à escrita: desejo poder dizer tudo, mas o todo é impossível visto que a falta é constitutiva e o real se caracteriza pela incapacidade de simbolização (LACAN, 2008). Céus, quanta impotência descrita em umas poucas linhas. Então não serei eu livre a ponto de encontrar novos caminhos nos terrenos da escritura? E se cada autor que eu trazer para a conversa se contrapor aos outros? Então, quem me socorre é outro pensador francês, que ficou conhecido por ter inventado um método que nem é bem um método, e ele se nega a dizer nas entrevistas que tenha cunhado o próprio termo que está continuamente associado ao seu nome, desconstrução, partir do movimento inverso em relação aquilo que foi “construído”, partir do lado avesso, do seu contrário. E descobre-se o que com isso meu Deus? Que o mesmo e o outro podem não estar tão distantes assim, que talvez os textos tragam em si resquícios daquilo sobre o qual se opõem ao serem construídos, marcas da diferença...

E onde eu posso querer chegar com tudo isso? Perguntas, caro leitor, perguntas. O mundo está tão cheio de certezas... Então um dia resolveram dizer que os homens (e será viável utilizar uma expressão como esta, e os argumentos feministas, ora legitimamente genuínos, ora passíveis de problematização (BUTLER, 2003)?), quer dizer, que os seres humanos, que se julgavam tão prepotentes, tão soberanos deste mundo, por terem atribuído nome a todas as coisas que existem, segundo o gênesis, descubrem aos poucos não passam de animais que nasceram em um mundo de significados que eles mesmos teceram. Ah, Max Weber (*apud* GEERTZ, 1973), porque tinha que complicar tudo com esta frase de impacto, destruturadora das certezas da modernidade? Será que em algum momento este texto terá fim? Que podemos dizer deste fim, será mesmo possível a conclusiva atestância (se a palavra não existir, Guimarães Rosa que me socorra) “validade” do ponto final perante tantas problematizações?

Penso, logo existo. Muito bem, eu sei de minha existência porque penso. Eu, soberano de minhas palavras, de meus pensamentos, daquilo que digo e dos sentidos que são produzidos por mim. Quanto narcisismo, diria Freud. Este outro, contra as afirmações de Descartes, traz outro golpe nos seres humanos (perceba o cuidado com a imagem que posso, enquanto autor, produzir, se não tiver cautela), depois de Galileu, que colocou a Terra “no seu devido lugar” em relação ao sol. A coragem da verdade (FOUCAULT,



2010), a dita *parresia* dos gregos acometeu o pai da psicanálise e ele então mencionou que nem tudo aquilo que fazemos parte daquilo que chamamos consciência. Que papel terei eu, então, enquanto ensaísta, se levar em consideração estas coisas? Que autoria poderei ter eu senão uma função de amarrar, entrelaçar (e deixar esvaír) alguns autores e livros e experiências que foram me constituindo? Poderei eu ser chamado em algum momento de autor?

A esta altura do campeonato nem sei direito quem sou. Mas e a escrita, cara pálida, retorne às incompletudes da escrita. Ao olhar para as letras que vão descarrilhando para o papel enquanto dígito, às vezes me reconheço, noutras percebo outro que vê aquilo que olha para si e para o mundo. Diria um historiador da arte: o que vemos, o que nos olha... Nos olha? Lá vêm os resquícios do narcisismo descarteano me trazer algumas pulgas atrás da orelha. Ora, sou eu que penso e, por isso, existo, que olho para as coisas. Que autoridade, que mistério, que lugar tem este outro e a audácia de olhar para mim enquanto eu o observo, delimito, recorto à minha maneira (a esta altura, nem sei mais o que é meu e o que é mais do que eu mesmo). Outras coisas, comigo, olham para as letras que aqui estão. Reconfigurações de eventos de linguagem, palavras que trazem consigo um pouco de belo e de misterioso, poderia ser um tratado sobre as artes da escrita, mas eu quis trazer para a conversa o filósofo do martelo e estes outros...

Que vazio fascinante é este que se mostra e se oculta enquanto escrevemos? Que olhar é este que se volta para nós em resposta ou em silêncio ao olhar que (des)velamos sobre o outro? Que outro, afinal, é este? Basta! e neste basta ainda ressoam desejos de incompletude reverberando, vagalumes que sobrevivem a pesar de tudo. A escrita, falemos da escrita, estávamos conversando com autores, entrelinhas, entrepalavras, nos entremeios, o caminho do meio, e porque não o princípio. E um russo diria que não há princípio, que partimos sempre do diálogo com outros textos, que este diálogo vai além dos muros daquilo que entendemos enquanto ambiente de interação harmonioso entre pessoas que se querem bem. Eis que o diálogo em Bakhtin (2011) é permeado por tensionamentos e embates. Céus, tem mais este ainda. E o que eu dizia antes? A escrita, a escrita, voltemos ao início. Não Foucault, ao início, não é hora ainda de dizer que todo *a priori* é histórico, que é preciso pensar no porquê da existência de uns discursos e porque uns enunciados se tornaram possíveis em determinada época ao invés de outros (FOUCAULT, 1995). E o que isso tem a ver com a minha escrita (nem sei mais se posso dizer minha, tamanha ressonância de vozes que foi sendo tecida aqui, e o que virá depois)?

Sobre as interpretações, caro Nietzsche, poderíamos ir ao encontro das palavras do senhor Umberto Eco, para quem não são sempre as mesmas? E aquelas que estiverem inscritos na materialidade dos textos enquanto possibilidades de significação (significação ou sentido, que sei eu disso)? Achei que estava tecendo mosaicos e, ao invés disso, estava desvelando caleidoscópios, que têm a capacidade de se desmontar e reconfigurar a todo instante... E estas reticências, rastros da indecisão, da incompletude, do obstáculo perfurado de vazios do qual nos fala a epígrafe inicial deste texto.

Texto enquanto tessitura, texto enquanto entrelaçamento de (im)possibilidades, texto enquanto (in)definição de instancias grafadas, ditas, sentidas. Poderei eu chegar ao âmago de uma estética daquilo que escrevo? Terei contornos delineados descontinuamente sobre o meu rosto tal qual um poeta suicida que insiste em ir em busca do reino onde as



coisas esperam ser escritas. E as palavras são esta matéria que permite enjaular, capturar, domar. Lutar com palavras... E de novo, as reticências. De onde vêm, para onde vão os sentidos e como é possível apreendê-los (nem sei se apreender é a palavra certa (existirá palavra certa ou errada?), elas vão me escapando, indomáveis quanto mais tento me aproximar do final)? Resta em mim o desejo de ir adiante.

Preciso continuar, a tarefa árdua de tecer lugares de significação, encontrar nuances a partir daqueles que dialogaram comigo por anos, que encontraram e desconstruíram aquilo que eu (achava que) sabia. Como aprender a escrever? Escrita é algo que pode ser ensinado? Ou estilo, que até parece dar no mesmo, nem o eu sou o mesmo que tu leitor, nem tu és o mesmo que eu, seríamos então o outro do outro? ... alteridade naquilo que vemos e que nos olha.

E para quem esperava um texto “sério”, repleto de “soluções” para escrever bem ou para eliminar os “brancos” da escrita apresento então um texto caleidoscópico. Seria eu, como diria Fernando Pessoa, um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir? E a cada palavra, cada signo, cada evocação de dizer do outro, cada sentido produzido que escapa às minhas intencionalidades vai-se aos poucos desvelando o mistério da escrita ou encobrendo ainda mais as suas nuances.

Não haveria eu de entristecer o leitor. Precisava lembrar que a escrita não é terreno de exposição de fatos hermeticamente fechados, costurados e delineados à exaustão, visando delimitar fronteiras e demarcar completudes. A marca da escrita, isso afirmo a partir dos autores que aqui foram mencionados e a partir de tantos outros que não couberam, mas que serão mobilizados no instante da leitura (e a cada leitura virão outros ao sabor das singularidades constitutivas de cada leitor), é a de ser atravessada pela falta.

Então, assim como nós somos seres incompletos e a todo instante podemos vir a ser outros (senhor Hall (2005) que nos socorra neste diálogo, que ele tem mais propriedade que eu para falar disso) porque haveria de ser diferente a escrita que partindo dos manejos de nossos dedos ultrapassa as fronteiras daquilo que definimos intrinsecamente nosso. Somos diálogo, somos tensão, somos contraditórios, múltiplos e imprevisíveis como os textos que produzimos, cujos sentidos produzidos domínio não temos, cujos entrelaçamentos falam mais de nós do que daquilo que observamos. O que vemos, o que nos olha.

Da próxima vez que for escrever algo, caro leitor, apazigue-se consigo se estiver com dúvidas sobre como escrever. Elas vão durar mesmo em meio às “certezas”, pois não existe só a verdade e a mentira, há o caminho do meio e nele o equívoco. Não nos esqueçamos que com Derrida (2005) aprendemos que nenhum texto encerra em si mesmo qualquer assunto e já que a inconclusão é inerente à toda escrita e um processo inevitável, desejo a partir destas mal traçadas linhas que perdure o desejo de Foucault (1971), que seja este um ensaio para que outros sejam possíveis, não necessariamente do mesmo autor deste texto que tens em mãos, leitor. Restam as palavras de Mía Couto (2013), que espero encontrem a parte sensível do leitor, para quem mais do que gente preparada para dar respostas, necessitamos da capacidade de fazer perguntas. Já que um galo sozinho não tece a manhã (MELO NETO, 1968), que venham outros galos ao encontro dos gritos aqui lançados por este galináceo autor e então que este texto possa fazer com que surja outro galo

que apanhe o grito de um galo antes
E o lance a outro; e de outros galos



Que com muitos outros galos se cruzem
Os fios de sol de seus gritos de galo,
Para que a manhã, desde uma teia tênue
Se vá tecendo, entre todos os galos.

Referências

- ARTIÈRES, P. et. al. (orgs.) *Michel Foucault*. Trad.: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- ASSIS, M. de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade*. Trad.: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPOS, A. *Poemas*. (Coleção Fernando Pessoa). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COURTINE, J.J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Trad.: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COUTO, M. À porta da modernidade há sete sapatos sujos que necessitamos descalçar. In: *Por dentro da África*, 28 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/mia-couto-a-porta-da-modernidade-ha-sete-sapatos-sujos-que-necessitamos-descalçar> acessado em 01 de junho de 2014.
- DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. 3ª ed. Trad.: Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. Trad.: Ciro Mioranza. São Paulo: Escala educacional, 2006.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. 2ª ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: editora 34, 2010.
- DROSDEK, A. *Sócrates: o poder do não-saber*. Trad.: Lorena Richter. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ECO, U. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. trad.: Attílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ECO, U. *Sobre os espelhos e outros ensaios*, trad. de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FERNANDES, C.A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2008.



- FERNANDES, C.A. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France 1982-1983*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *O homem e o discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.
- FREUD, S. (1915-1917) Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GEERTZ, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.
- KANT, E. *Crítica da Razão Pura*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- LACAN, J. *Seminário livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, trad.: M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MELO NETO, J.C. A educação pela pedra. In: *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Sábua, 1968.
- MICHAUD, G.; MASÓ, J.; BASSAS, J. (orgs.) *Jacques Derrida pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004)*. Trad.: Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.
- NIETZSCHE, F. *Aurora*. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.
- QUINET, A. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- RELLA, F.; MATI, S. *Georges Bataille, filósofo*. Trad.: Davi Pessoa Carneiro. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.
- RICOEUR, P. *A Metáfora Viva*. Porto: Rés, 1985.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Vol. 1 Campinas: Papirus, 1994.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SILVEIRA, E.L. Entre *selfies*, curtidas e subjetividades: sobre os sujeitos contemporâneos e o cuidado de si. In: *O corpo é discurso*. Vitória da Conquista, Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo-LABEDISCO, n. 32, maio de 2014. Pp. 4-10.
- WOLFREYS, J. *Compreender Derrida*. 2ª ed. Trad. Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.